

# Cartografia do Turismo: a elaboração de roteiros turísticos do patrimônio cultural da Lapa (PR)<sup>1</sup>

Naomi Anau Burda  
USP – doutora em Geografia Humana

Marcello Martinelli  
USP – livre-docente do Departamento de Geografia

## Resumo

A cidade da Lapa (PR) possui um patrimônio arquitetônico relevante, datado do século XVIII, sendo o maior sítio histórico urbano tombado do Paraná. As primeiras famílias que habitaram a cidade construíram suas casas utilizando estilos arquitetônicos civil, neocolonial e de imigrações, das quais se destacam as de estilo luso-brasileiro e italiano. Esses casarões continuam preservados até hoje, sendo tombados em nível federal e estadual. Objetiva-se, neste artigo, apresentar uma discussão teórica sobre Cartografia do Turismo e a importância de mapeamentos temáticos que venham subsidiar locais que contenham um destaque histórico e turístico para outras cidades tombadas.

**Palavras-chave:** Cartografia do Turismo, Lapa, roteiros turísticos.

## Abstract:

*The city of Lapa (PR) has a significant architectural heritage dating from the eighteenth century, the largest urban historic site tumbled Paraná. The first families that inhabited the city built their homes using civil, neocolonial and immigrations architectural styles, including most importantly the Luso-Brazilian and Italian style. These houses are still preserved until today, being overturned in federal and state level. This article aims to present a theoretical discussion of Tourism Cartography and the importance of thematic maps that might support locations containing a highlight historical and tourist to other cities overthrown.*

**Key-Words:** *Cartography Tourism, Lapa, tours.*

<sup>1</sup> Texto originado de reflexões da pesquisa de doutorado intitulada “Cartografia e patrimônio arquitetônico: a elaboração do atlas eletrônico do sítio histórico da Lapa (PR)”, desenvolvida no programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo.

Recebimento: 11/2013  
Aprovação: 02/2014

naomi.burda@gmail.com  
m\_martinelli@ig.com.br

## Cartografia do turismo

Para a Geografia, a Cartografia serve como apoio para fornecer representações em forma de produtos cartográficos para essa ciência. Sabendo-se que a Geografia pode se relacionar com o Turismo, pois tal atividade ocorre no espaço geográfico e pode modificá-lo, cabe à Cartografia fornecer materiais que deem suporte a ele, tais como mapas para o turismo, guias, roteiros turísticos, e auxiliar na localização e conhecimento das atividades locais.

Faltam materiais cartográficos que ofereçam informações sobre onde ficam hotéis, restaurantes, serviços, museus e outros locais de interesses do turista. A Cartografia pode auxiliar significativamente nesse processo, e a disponibilização de dados registrados em mapas é uma necessidade não apenas para a localização dos turistas, pois funciona como auxiliar na gestão do turismo, gestão da cidade e organização das atividades turísticas.

A Cartografia do Turismo é um ramo da Cartografia Temática que se dedica ao tratamento dos elementos que formam as atividades do turismo. Tem como objetivo comunicar quais serviços de turismo estão disponíveis, para que o turista possa ter acesso, seja com função econômica ou com função sociocultural; apresentar os atrativos turísticos e encaminhar o turista a visitá-los. Para Oliveira (2007, p. 59), ela está “envolvida com a representação do turismo, enquanto atividade econômica e sociocultural”.

A ligação entre a Cartografia do Turismo e a Cartografia Temática, para Martinelli, permitiu que houvesse o “acréscimo sucessivo de elementos específicos desse tópico ao mapa topográfico, especialmente em suas manifestações pontuais” (2011a, p. 157). A Cartografia do Turismo serve como um instrumento para refletir e planejar o turismo (OLIVEIRA, 2007, p. 60).

A Cartografia, além de fazer mapas para o turismo, participa na produção de atlas geográficos, onde sempre há uma página para o turismo, havendo até mesmo atlas específicos para municípios turísticos. A Cartografia Turística oferece opções para representação da atividade, conhecimento e planejamento do turismo. Quando se cria um mapa com fins turísticos, remetemo-nos à seguinte dúvida: os mapas seriam mapas turísticos, mapas do turismo ou mapas para o turista? Oliveira (2005) indica que o emprego dos mapas deve ser pensado a partir das etapas de diagnóstico da potencialidade turística de um determinado lugar ou para a implantação de um espaço turístico (mapas para o turismo), para a avaliação dessa atividade (mapas sobre o turismo) ou para a implementação ou consolidação de uma atividade turística (mapas para turistas).

Fernandes, Meneses e Silva (2012) também corroboram essa abordagem. Para eles, a informação turística é essencialmente geográfica e pode ser trabalhada em duas vertentes distintas: uma, para o planejamento turístico, visando fornecer subsídios para o desenvolvimento turístico de uma localidade; e outra, para a orientação de turistas em visita a um sítio turístico. Nesse trabalho, ora seriam utilizados mapas para o turismo, ora mapas para os turistas.

O atlas permite o entendimento das paisagens, dos valores culturais e especificidades existentes no patrimônio cultural local. Pode ser apropriado pelo turismo para divulgação do local, servir como material de apoio para conhecimento do patrimônio e, até mesmo, como uma forma de atualização dos dados relativos ao turismo. Para a gestão turística e patrimonial, um atlas se constitui como importante instrumento para conhecimento geográfico e administração do território.

## Representações cartográficas e o turismo

O turismo pode ser abordado pela Cartografia como meio auxiliar na compreensão das potencialidades turísticas de um lugar. Os mapas são produtos de consumo visual tanto para *merchandising* turístico quanto para o conhecimento turístico em si.

[...] o mapa dessa temática emergirá de uma acurada sistematização teórico-metodológica voltada à representação da realidade turística, proporcionando sua compreensão a partir do potencial em recursos naturais, histórico-culturais e sociais, sejam de origem espontânea, sejam artificial, enaltecendo cada vez mais a realidade do lugar com sua expressiva identidade e valor (MARTINELLI, 2011b, p. 4).

Considerando que os leitores dos mapas do turismo, geralmente, são pessoas que não possuem um conhecimento apurado sobre Cartografia, o autor do mapa tem de criá-lo procurando transmitir sua representação da forma mais clara, perceptiva e objetiva possível. Para isso, Faria (2011b) ressalta três questões importantes: a questão fisiológica, que promove uma visualização clara e fácil; a questão da finalidade pedagógica, que permite uma rápida apreensão sobre o assunto, e a questão sociopsicológica, relacionada com estereótipos.

As representações gráficas em mapas do turismo em três dimensões figuram como uma perspectiva inovadora para a Cartografia do Turismo. Oferecem visões em perspectiva com conteúdo cartográfico, criados atualmente em softwares de Geotecnologias e, além de tornarem o material mais atraente, ainda oferecem uma visão contextualizada do espaço.

Oliveira (2005, p. 60) abordou alguns problemas existentes na geração dos mapas do turismo. O primeiro deles seria o estudo dos fenômenos turísticos e a sua influência no espaço geográfico, quando os mapas são apenas ilustrativos ou utilizados apenas como referência para a localização da área de estudo, não possuindo uma explicação do espaço estudado. O segundo seria a inexistência ou uso indevido e/ou incompleto das representações gráficas complementares, tais como diagramas, redes e croquis, na análise geográfica dos elementos turísticos.

A relevância da cartografia para o turismo está em desvelar um espaço ainda desconhecido que, de acordo com Silva (2010, p. 75),

remete a um conhecimento físico territorial dos lugares apropriados para o turismo como, também, integra as preocupações exaltadas pelos planos estratégicos de marketing turístico, que fundamentam os mapas temáticos necessários à articulação da gestão.

Algumas questões em que a Cartografia do Turismo pode auxiliar são explicadas por diferentes autores. Fernandes, Menezes e Silva (2012) explicam que a informação turística, representada pela Cartografia do Turismo, serve para o planejamento turístico e orientação de turistas. Já Boullón (2002) afirma que serve para delimitar os usos da terra e as funções especiais de um lugar, como as áreas de proteção (utiliza-se, aqui, o exemplo de áreas tombadas).

Oliveira (2005) aponta para o potencial da Cartografia Turística no monitoramento de atividades turísticas já implementadas. A comunicação visual irá permitir um diagnóstico dos pontos positivos e negativos das atividades para o turismo em um local. Através de um banco de dados existente em um programa de Geotecnologias, esses dados podem ser visualizados, gravados e atualizados.

Um dos motivos que levam as pessoas a fazer turismo é a busca pelo lazer, que faz parte da vida contemporânea. A origem da palavra “lazer” está ligada à realização de atividades ou ações

desenvolvidas durante o tempo livre (TRIGO, 2003, p. 89). Para a realização do lazer, não é necessário o deslocamento de 24 horas e nem o pernoite, assim como é estabelecido no Turismo, de acordo com a OMT.

A relação entre a Geografia e o Turismo está na possibilidade do entendimento dos espaços ocupados pelas atividades de turismo, a criação de novos lugares em função do turismo e também as relações sociais existentes dentro do espaço geográfico.

O tratamento geográfico dos lazeres urbanos pretende revelar ou, mais apropriadamente, desvelar a criação das formas espaciais expressas na paisagem urbana e buscar a compreensão das suas formas e estruturas por meio do estudo dos processos sociais que o engendraram (TRIGO, 2003).

O avanço do turismo nos atrativos pode causar problemas, tais como impactos sociais (alteração do local original, construção de edificações, poluição) e impactos ambientais (alteração do meio ambiente local). A Geografia pode auxiliar na minimização desses impactos, gerando um material cartográfico que sirva para a consulta do turista, esclarecendo, por exemplo: o tipo de patrimônio do local e as formas para preservá-lo, o tipo de fauna e flora encontradas, um meio de deslocamento que não gere grandes impactos ao local, dados da geologia e outros.

Para representar em mapas os elementos do turismo, também se devem considerar as orientações que Martinelli (2011b) recomenda. Primeiramente, a escolha das formas de manifestação dos fenômenos (ponto, linha ou área). Na sequência, a forma de apreciação, seja estática (representações qualitativas, ordenadas e quantitativas) ou dinâmica (transformações de estados, variações quantitativas, em valores absolutos ou relativos, no tempo e movimentos no espaço).

O nível de raciocínio que uma elaboração cartográfica pode assumir é percebido tanto pelas representações analíticas, onde compõem, na representação em mapas, elementos constitutivos (lugares, caminhos, áreas), caracterizados por atributos ou variáveis, como pelas representações de síntese que resultam da fusão dos elementos constitutivos em “tipos” (agrupamentos de lugares, caminhos ou áreas caracterizados por agrupamentos de atributos ou variáveis).

Em programas de Geotecnologias, as representações analíticas e de síntese referentes a temas selecionados partem de arquivos organizados em tabelas, onde se cruzam os pontos ou unidades espaciais de referência, que podem, de acordo com o projeto do mapa, ser objetos de processamentos específicos. Essas tabelas contêm uma série de dados, que são os atributos ou variáveis do tema e podem ser selecionados de acordo com o interesse da pessoa que está vislumbrando a elaboração de um mapa.

Há um resgate em um nível de apreensão do conteúdo através de tais produtos cartográficos. Um mapa exaustivo, que contém todos os atributos ou variáveis sobre si, permite apenas uma leitura em nível elementar. Para superar esta limitação, a representação pode ser elaborada mediante uma coleção de mapas, com um mapa por atributo ou variável, o que proporcionará ao leitor uma rápida visão de conjunto.

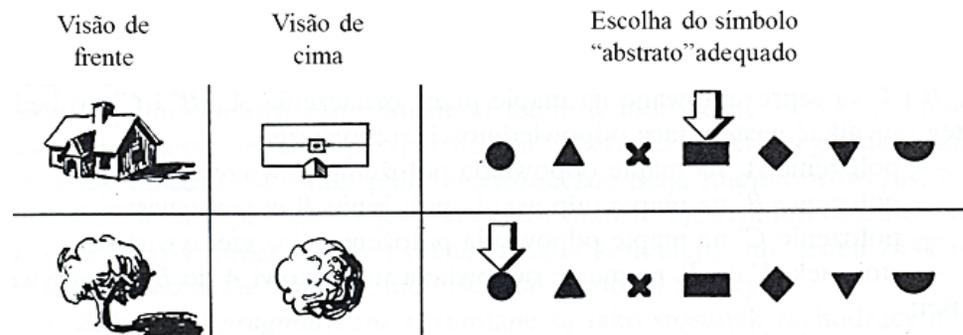
### **Mapas do turismo**

O setor turístico utiliza as representações gráficas para atender ao turista no sentido de dar-lhe ou uma localização preliminar apenas pela orientação, ou uma localização bastante exata por sistemas de coordenadas, fornecendo-lhe, assim, informações sobre o local e as formas de acesso. Por isso, o mapa é um trabalho relevante para fins turísticos, desde que transmita coerentemente a mensagem a que se propõe e esteja baseado em regras cartográficas adequadas.

A elaboração de um mapa turístico deve comportar:

1. Título – o tema turístico a ser abordado, o lugar onde se encontra e a data da representação. Deve ser objetivo e não muito extenso.
2. Pesquisa de uma base cartográfica – deve ser confiável e, de preferência, originada em fontes da Cartografia Topográfica.
3. Construção do símbolo do mapa – divide-se em pictográfico, abstrato ou ideograma. Alguns autores defendem o uso de uma simbologia pictográfica para o tema, pois torna-se mais fácil e imediata. Por a legenda não ser complexa, proporciona ao consulente um mínimo número de consultas (OSTROWSKI; OSTROWSKI, 1975, apud MARTINELLI, 2011b).

Figura 1 Exemplos de símbolos para um mapa.



Fonte: MARTINELLI, 2011b.

4. Organização da legenda – a legenda “traduz” o que os símbolos significam e deve ser legível e de [mais] fácil entendimento para o leitor do mapa. De acordo com Martinelli (2011b), a legenda reflete a concepção da realidade representada por quem a elaborou e o contexto social em que o autor está inserido. Outras formas de legendas são possíveis, com fotos associadas aos significados dos signos e legendas referentes a modelos 3D.

Martinelli (2011b, p. 2) sugere que, para a elaboração de uma legenda para um turista, deve ser facilitado o entendimento do local representado. Isso ocorre ao se organizar o mundo do turista ou (re)organizar o seu entendimento do espaço, através de uma representação simbólica como a legenda. Pode-se através dela destacar os recursos naturais, culturais e artificiais, as infraestruturas e o patrimônio cultural, entre outros.

5. Escala – uma redução proporcional do espaço real da representação. Recomenda-se que a adoção da escala no turismo possa ser apresentada entre várias escalas, indo desde a local até a global, pois “o turista vai se inserindo passo a passo no contexto global, podendo considerar também idas e voltas entre as várias escalas” (MARTINELLI, 2011b, p. 2).
6. Projeção – associada à escala, pode ser um poderoso instrumento de percepção ou “ocultação” do espaço em questão.

Um modelo digital de elevação consiste em uma “representação em visão oblíqua de um bloco quadrangular como se tivesse sido extraído da crosta terrestre, deixando à vista, além da face superior seus laterais” (MARTINELLI, 2011b, s. p.). Demonstra as irregularidades das formas da superfície do terreno, a partir de uma perspectiva selecionada. Sua elaboração gráfica, com os recursos da geoinformação, exige apenas dados básicos do terreno, tais como as coordenadas locais e pontos cotados do terreno, podendo mostrar a superfície nas visões frontal, oblíqua ou zenital, ou, de forma mais específica ainda, aquela selecionada pelo observador.

Outra opção para representação em turismo seria o perfil que reforça a visualização das características da paisagem. Sua visualização, através da visão frontal da paisagem, em direção ao horizonte, permite um entendimento dos elementos do mapa, podendo destacar ou não a sucessão de alguns planos verticais e reforçar o valor turístico da paisagem (SILVA, 2010, p. 77).

O objetivo com essas representações em determinados pontos de vista está em obter uma visão panorâmica da paisagem, com acesso a planos verticais e de profundidades do terreno. A paisagem passa a ser percebida em diferentes pontos de vista e em diferentes escalas.

Os mapas pictóricos são uma representação ilustrada de paisagens. Sua origem data do Renascimento (séculos XV e XVI), com a função de atrair o comércio para as cidades e auxiliar na localização de comerciantes estrangeiros.

Com o crescimento do turismo e da difusão das imagens, criou-se um sistema de comunicação capaz de ser entendido em qualquer parte do mundo, inclusive na área do turismo. Surgiram os pictogramas, símbolos básicos que podem ser facilmente entendidos e usados em situações públicas. Souza (1992, p. 6) concebe um pictograma<sup>2</sup> como

signos de comunicação visual, gráficos e sem valor fonético, de natureza icônica figurativa e de função sinalética. São auto-explicativos e apresentam como principais características: concisão gráfica, densidade semântica e uma funcionalidade comunicativa que ultrapassa as barreiras linguísticas.

A seguir, há um exemplo de um dos primeiros mapas pictóricos existentes, correspondente a Veneza, Itália.

<sup>2</sup> Pictogramas são os símbolos referentes a elementos da paisagem resolvidos de forma pictórica, reportando ao objeto real. Os mapas resolvidos com estes símbolos resultam em mapas pictóricos (pictorial maps).

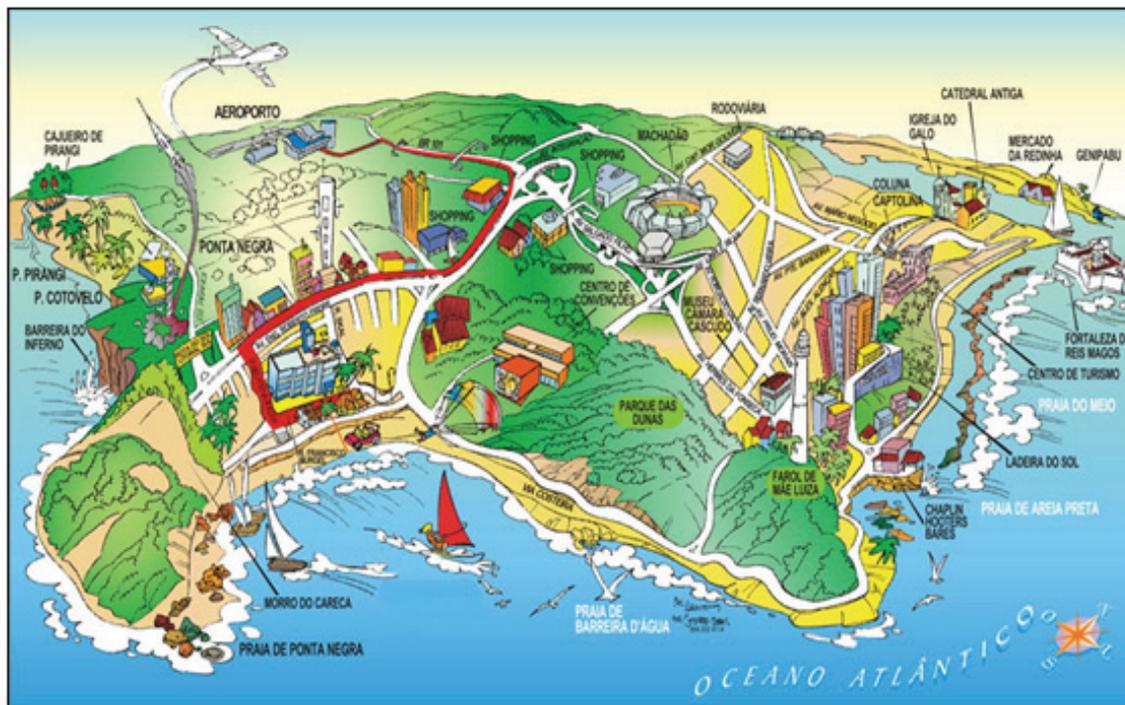
Mapa 1 Mapa pictórico da Veneza (século XVI).



Fonte: MARTINELLI, 2011c.

Fiori e Silva (2007; 2010) exemplificaram suas pesquisas com formas de pictogramas usados em mapas para o turismo. O importante, ao analisar esses pictogramas, é que eles figuram como símbolos bastante comuns em vários países, podendo ser compreendidos por turistas de vários cantos do mundo. Além de serem usados em legendas, os pictogramas são dados para representação em mapas, especialmente para os de turismo, com o intuito de fazer com que o usuário do mapa possa identificar e reconhecer os elementos turísticos e o patrimônio cultural de um local.

Mapa 2 Mapa pictórico de Natal



Fonte: Desconhecida.

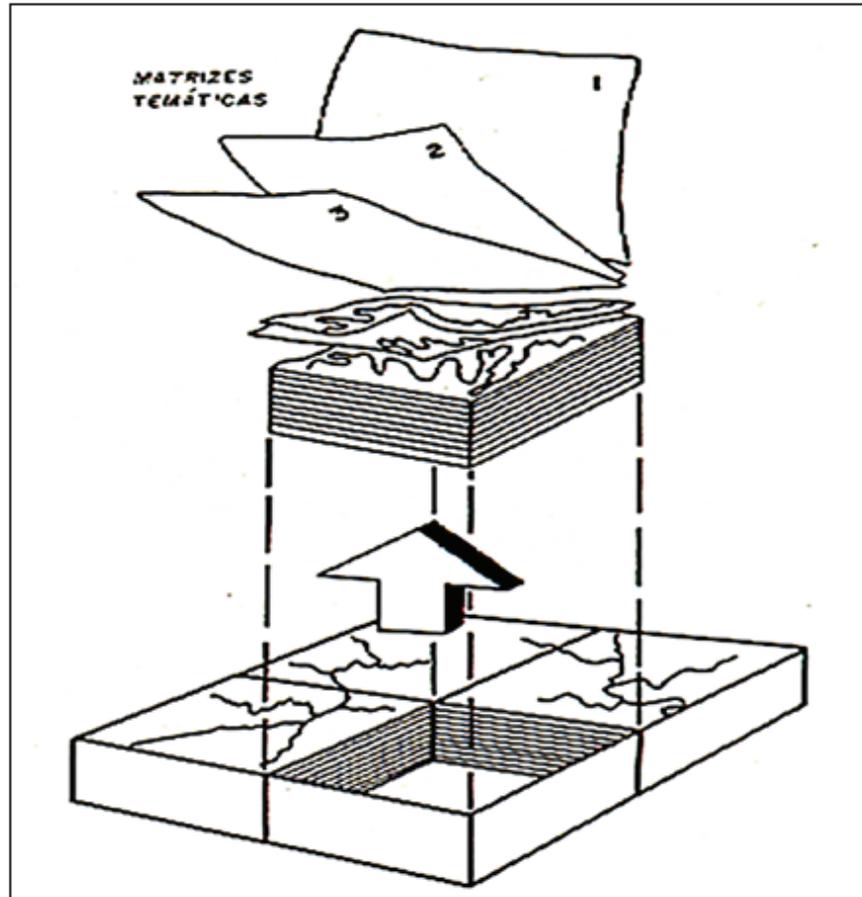
Outro exemplo bem ilustrativo sobre mapa pictórico é figurado na representação de Natal (Mapa 2). Apesar de o mapa acima ter fácil entendimento, não inclui elementos cartográficos essenciais para orientação, tais como as coordenadas geográficas e a indicação do sistema de projeção usado. Silva (2010, p. 83) ressalta os pontos positivos presentes em um mapa pictórico, como a facilidade e o impacto na comunicação, porém ressalta que ele deve estar vinculado a uma relação entre os significados dos signos, fazendo com que um conjunto de elementos polissêmicos possa ser integrado a um sistema monossêmico.

A legenda pictórica pode complementar fotografias, associando a comunicação polissêmica à monossêmica (MARTINELLI, 2011a).

Quanto à gestão de um território, a Cartografia Turística deve, necessariamente, passar pelas etapas do diagnóstico das potencialidades e da avaliação das atividades turísticas para seu uso. Um produto cartográfico relevante são os mapas analíticos que, muitas vezes, podem constituir insumos para a elaboração dos mapas de síntese.

Os mapas analíticos possuem elementos que formam o espaço para uso turístico e, através da justaposição de camadas ou *layers*, formam os lugares, roteiros ou áreas por seus atributos ou variáveis. A Figura 2 representa a superposição de *layers* em mapa digital.

Figura 2 Layers em um mapa digital.



Fonte: MATIAS, 2007.

Os mapas de síntese têm como intuito a identificação e delimitação de “agrupamentos de lugares, roteiros ou áreas, unidades espaciais sintéticas, caracterizadas por agrupamentos de atributos ou variáveis” (MARTINELLI, 2011a). Estes mapas geralmente são inseridos no encerramento de um levantamento e podem servir como material para a aplicação da pesquisa junto ao planejamento do espaço e da gestão do território, visando esclarecer as potencialidades turísticas de um lugar.

Um exemplo de mapa de síntese aplicado ao turismo seria o construído por agrupamentos espaciais, que contém elementos da paisagem com atributos ou variáveis e indicam um potencial turístico, auxiliando na gestão e promoção do turismo local (SILVA, 2010, p. 76).

A compreensão dos mapas do turismo ocorre através da percepção dos signos pelo olhar. Através de um diálogo de comunicação gráfica, o leitor constrói mentalmente a mensagem que o autor do mapa forneceu.

O significado dos mapas tem origem no arranjo espacial que os símbolos contêm. Para tanto, o turista deve formar as relações entre os elementos e o espaço de uso turístico, buscando o seu significado, não se servindo deles apenas como meros folhetos ilustrativos.

A Cartografia do Turismo pode ter o apoio de produtos cartográficos como os atlas. Criados analogicamente ou digitalmente, os mesmos podem contar com recursos das Geotecnologias.

Conscientes das premissas do que um saber cartográfico para o turismo deve conter, consideramos como fundamental, em um mapa para o turismo e patrimônio, destacar a arquitetura, os elementos naturais, os museus, as rotas para o turismo, os horários de funcionamento dos locais e outras informações. A superfície modelada e destacada pelo relevo também é importante, pois reflete uma perspectiva total do espaço de que se está tratando.

A realidade virtual permite o fornecimento dessas informações para o turista em fácil acesso, podendo o mesmo ter tanto a percepção da dimensão espacial quanto da dimensão temporal do local a ser visitado ou que visitou. As Geotecnologias fornecem um arcabouço técnico para tal empreitada, através dos vários *softwares* para tratamento de dados espaciais.

### Roteiros de turismo da Lapa

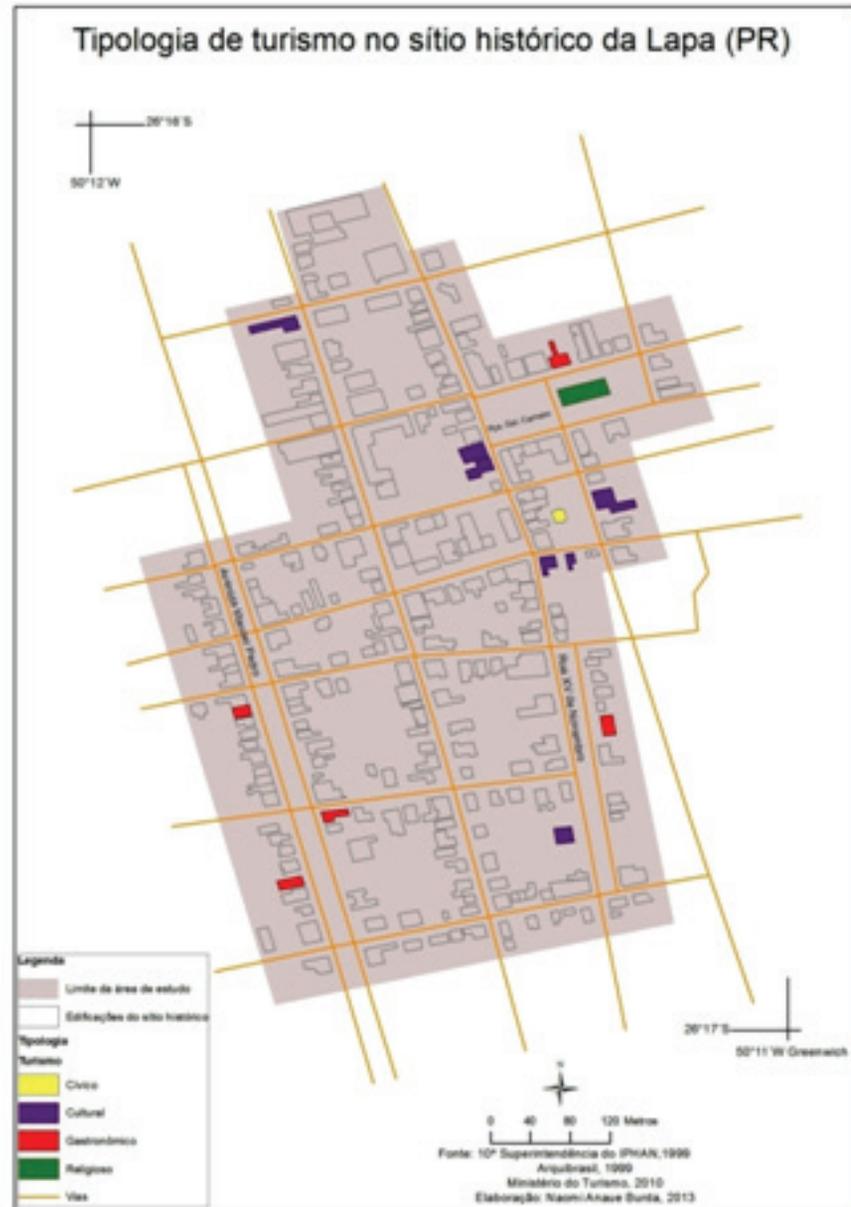
Os mapas gerados foram derivados da base já preexistente na pesquisa de doutorado da autora, intitulada “Cartografia e patrimônio arquitetônico: a elaboração do atlas eletrônico do sítio histórico da Lapa (PR)”, desenvolvida no programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo.

A metodologia empregada foi o uso dos programas de Geotecnologias *ArcGIS* e *ArcGIS Explorer*, da ESRI, com a qual foi adquirida uma licença anual para a pesquisa. Passou pelas etapas de edição, geração de *layout*, correção pelo orientador e finalização, através da inserção do atlas da tese.

Para classificação das tipologias de turismo, usou-se o referencial advindo do Ministério do Turismo, que classifica as formas de turismo como: cultural, cívico, gastronômico, religioso e de serviços. Os roteiros foram divididos em roteiros correspondentes aos tipos de turismo.

O mapa da tipologia de turismo (Mapa 3) tem como objetivo demonstrar as formas de turismo que vêm sendo desenvolvidas no sítio histórico da Lapa. Procurou-se classificar os casarões de acordo com o Ministério do Turismo, por tipologia de turismo e usos, como pertencentes ao turismo cultural, gastronômico e religioso.

Mapa 3 Tipologia de turismo do sítio histórico da Lapa (PR).



Fonte: Autora, 2013.

O roteiro gastronômico (Mapa 4) está inserido como um segmento do turismo cultural. Sua definição é de um “segmento turístico emergente capaz de posicionar destinos no mercado turístico, quando utilizado como elemento para a vivência da experiência da cultura local pelo turista por meio da culinária típica” (TURISMO, 2010, p. 24). Na cidade da Lapa, a culinária típica está baseada na influência tropeira, tendo como alimentação típica a quirera, feijão tropeiro, arroz carreteiro, ovos fritos, leitão à pururuca, doces de tacho, coxinha de farofa e o chimarrão.

O turismo demanda serviços a serem disponibilizados para os visitantes do local e também a seus moradores. Fruto do setor terciário, essas atividades estão em pleno crescimento nas cidades, ocorrendo também a sua expansão nos sítios históricos urbanos tombados. Milton Santos (2008, p. 70-80) caracteriza o setor terciário como atividades novas, tais como as de mercadização, engenharia, gerenciamento, propaganda, pesquisa, consultoria e outros. Também inclui nesse rol de atividades os serviços de saúde, religião, diversões e outros.

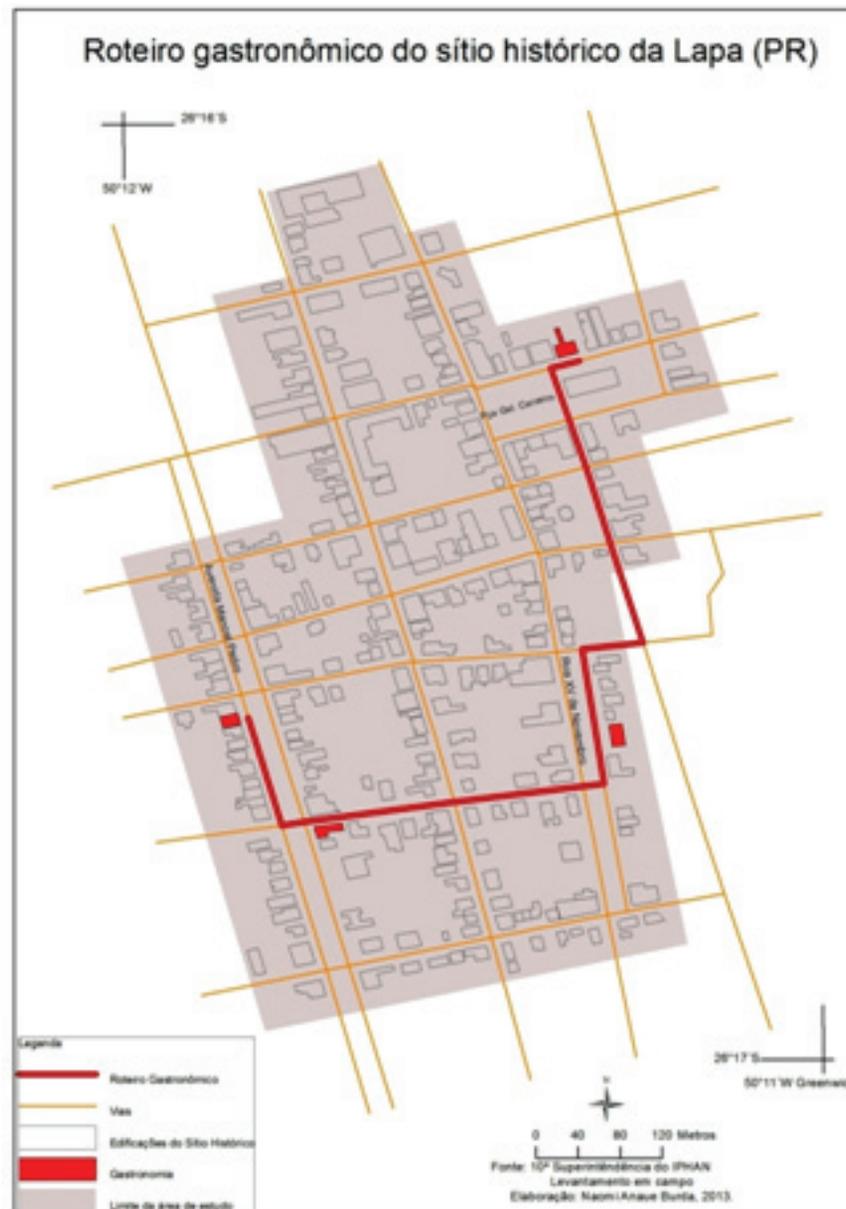
O roteiro de serviços foi elaborado com a preocupação de selecionar as atividades terciárias de uso imediato para o turista, tal como bancos, farmácias, postos de gasolina e serviços públicos. O Ministério do Turismo utiliza a terminologia *atividades turísticas* para “os serviços que o turista utiliza e as atividades turísticas que realiza durante sua viagem e sua estadia no destino [...]” (TURISMO, 2010, p. 15). Estes têm como exemplo o transporte, agenciamento turístico, hospedagem, alimentação, recepção, eventos, recreação e entretenimento. Este roteiro foi construído para que o turista, em caso de emergência, chegue mais rápido a um serviço essencial, como um hospital.

O turismo cultural consiste nas “atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (TURISMO, 2010, p. 13).

De acordo com o Ministério do Turismo, ele abrange os locais que contêm sítios históricos; centros históricos, quilombos, edificações especiais; arquitetura, ruínas; obras de arte; espaços e instituições culturais – museus, casas de cultura; festas, festivais e celebrações locais; gastronomia típica; artesanato e produtos típicos; música, dança, teatro, cinema; feiras e mercados tradicionais; saberes e fazeres – causos, trabalhos manuais; realizações artísticas – exposições, ateliês; eventos programados – feiras e outras realizações artísticas, culturais, gastronômicas e outras temáticas culturais.

A cidade da Lapa é marcada pela presença de um sítio histórico contendo nove edificações relevantes para o turismo cultural, entre as quais se cita: Casa da Memória, Casa de Câmara e Cadeia/ Museu de Armas, Igreja Matriz de Santo Antônio, Museu Casa Lacerda, Museu Histórico da Lapa, Museu Tropeiro, Memorial Ney Braga, Panteon dos Heróis e Teatro São João.

Mapa 4 Roteiro gastronômico do sítio histórico da Lapa (PR).

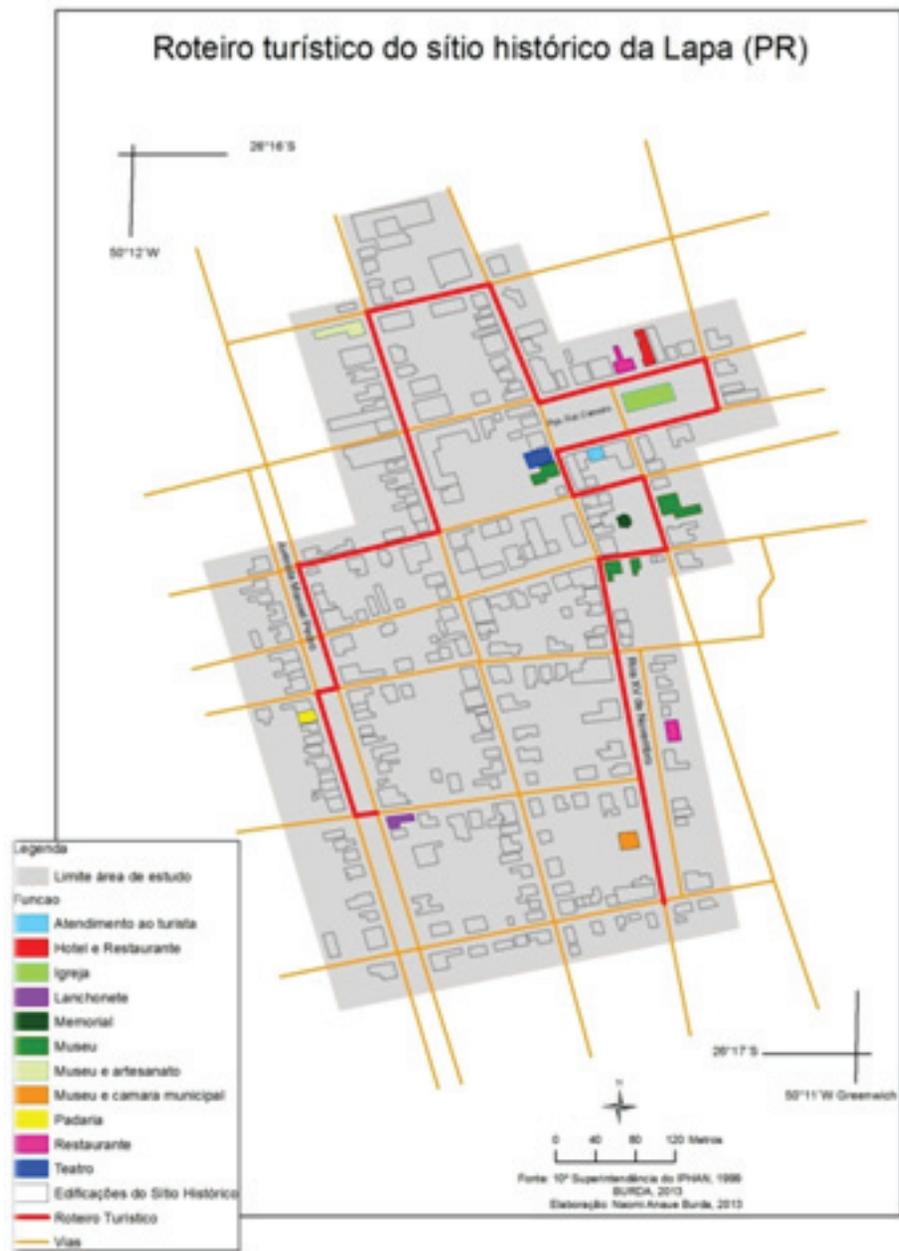


Fonte: Autora, 2013.



Fonte: Autora, 2013.

Mapa 6 Roteiro turístico do sítio histórico da Lapa (PR).



Fonte: Autora, 2013.

## Considerações finais

O patrimônio cultural da Lapa contém um conjunto formador de uma área apta a ser abordada pela Geografia: a história da formação da cidade, os casarões tombados a níveis estadual e nacional, com a sociedade que habita, trabalha e circula neste espaço, a subordinação às leis de preservação e a disputa de interesses imobiliários no local.

Ao se analisar o presente texto, sugere-se que a Cartografia do Turismo é uma opção para a análise de dados do patrimônio cultural. Com a realidade de áreas tombadas existentes, tanto em nível internacional, como em nível nacional, pode-se escolher esse viés para entender o patrimônio. A cidade da Lapa (PR) contém um rico local para ser explorado por essa cartografia, mas cidades como Salvador, São Luiz do Paraitinga, Paraty, Olinda e outras podem usar como exemplo a metodologia apresentada. O diferencial do artigo é que, além da discussão teórica, podem ser visualizadas as representações das áreas afins pelos mapas.

As Geotecnologias mostraram-se extremamente relevantes para a elaboração dos roteiros turísticos do sítio histórico da Lapa, pois possuem um instrumental que possibilitou um armazenamento de dados variados, a edição dos mapas e a possibilidade de atualização dos mesmos. Caso fossem feitos analogicamente os mapas e os roteiros, tal trabalho demandaria muito tempo, desgaste físico e também o risco de conter erros que não poderiam ser corrigidos, o que se torna possível com o uso de um programa específico em computador.

Visto que o turismo de uma área urbana é formado pela dinâmica social e pela apropriação de recursos naturais e humanos do espaço geográfico, pode ser um objeto de estudo da ciência geográfica. Além de vertentes da Geografia do Turismo e do Patrimônio Cultural, a Cartografia assume um papel na pesquisa do turismo, pois pode fornecer ao planejador turístico, ao gestor do patrimônio, à população local e aos turistas um material que pode ser facilmente acessado e consultado para o uso do turismo.

## Referências Bibliográficas

- BOULLÓN, R. C. *Planejamento do espaço turístico*. Trad. Josely Vianna Baptista. Bauru, SP, EDUSC, 2002, 278 p.
- FERNANDES, M. do; MENEZES, P. M. L. de; SILVA, M. V. L. da. *Cartografia e Turismo: Discussão de conceitos aplicadas às necessidades da Cartografia Turística*. Disponível em: <<http://www.rbc.ufrj.br/pdf602008/60011.pdf>>. Acesso em: jul. 2012.
- FIORI, S. R. *Mapas para o turismo e a interatividade: Proposta teórica e prática*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geociências (FFLCH) da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- MARTINELLI, M. *Cartografia do Turismo e imaginário*. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). *Turismo rural: práticas e perspectivas*. São Paulo: Contexto, 2011a, p. 151-170.
- \_\_\_\_\_. *A Imagem Figurativa e a Imagem Cartográfica no Turismo*. In: FARIA, Ivani Ferreira de (coord.). *Turismo: lazer e políticas de desenvolvimento local*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2011b, p. 159-173.
- \_\_\_\_\_. *Curso de Cartografia Temática*. São Paulo: Contexto, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Notas da disciplina Representações Gráficas da Geografia: Teoria e Prática. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011c.
- OLIVEIRA, I. J. de. *A cartografia aplicada ao planejamento do turismo*. *Boletim Goiano de Geografia*. Goiânia, v. 25, n. 1-2, p. 29-46, jan./dez. 2005.
- \_\_\_\_\_. *Cartografia turística para fruição do patrimônio natural da Chapada dos Veadeiros (GO)*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de São Paulo, 2007. 200 p.
- OSTROWSKI, J.; OSTROWSKI, W. *Cartographic conception of tourist maps of towns*. *International Yearbook of Cartography*. Germany, 1975, p. 123-131.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SILVA, M. R. da. *A Cartografia Temática no Estudo do Turismo: o município de Santo Antonio do Pinhal (SP)*. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – FFLCH, USP, 2010.
- SOUZA, S. R. M. *Do conceito à imagem: fundamentos do design em pictogramas*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992, 250 p.
- TRIGO, L. G. G.; ANSARAH, M. G. dos R. *Turismo. Como aprender, como ensinar*. 3 ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003, 323 p.
- TURISMO, M. do. *Turismo cultural: orientações básicas*. 2010. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Turismo\\_Cultural\\_Versxo\\_Final\\_IMPRESSO\\_.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSO_.pdf)>. Acesso em: jun. 2013.